



CULTURA, ARTE E SABER: RESGATANDO VALORES E RAÍZES DE ARAPIRACA

¹ Cláudia Cristina Rêgo Almeida, autora;

² Luciano Henrique Gonçalves, autor;

³ Maria Aparecida de Farias, autora.

¹ UNEAL, cau.rego@hotmail.com;

² UNEAL;

³ UNEAL, cidafunesa@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A finalidade desse trabalho é contribuir com a preservação da memória da sociedade arapiraquense, resgatando raízes e valores, especialmente relacionados à cultura cujo fundamento “é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor”. (BOSSI, 2000. p.10). Em Arapiraca que, conforme a tradição, começou seu povoamento nos meados do século XIX, a cultura era até aproximadamente 1930 muito tímida, manifestada apenas na arte de fabricar remédios de raízes e ervas, lambedores, potes de barro, bonecos de pano, abanos e balaios, “Judas” de palha de bananeira para ser morto no sábado da Aleluia. Com a criação da feira livre surgiram os poetas, improvisadores, cordelista e emboladores que, desempregados, buscavam uma forma de sobreviver demonstrando suas habilidades atraindo multidões que cooperavam com algum dinheiro.

A ampliação das escolas em Arapiraca incentivou também o desenvolvimento da arte e da cultura; na década de 1970 a chegada da Faculdade de Formação de Professores de Arapiraca - FFPA e a instalação do Bar do Paulo vieram coroar esse avanço cultural na sociedade arapiraquense. Para se compreender que há muito o que se reflete a respeito dos criadores da arte foi utilizada a leitura da obra de Bosi, (2000), que trata principalmente de cultura popular e de massa e seus reflexos. Guedes (1999) e Macedo (2009), (1998), (1992) foram importantes na indicação de pistas para que fosse possível a organização desse texto. Para complementação dos argumentos colhidos em conversa informal com moradores da cidade, foram seguidas orientações de Losano (2002), que assegura ser a oralidade um elemento de muita importância para quem deseja reconstruir a história.

2 CULTURA NA SOCIEDADE ARAPIRAQUENSE NO ALVORECER DO SÉCULO XX

Em seus primórdios, a cidade de Arapiraca não despertava em seus moradores o desejo de empenhar-se na cultura, apenas nas escolas, as professoras costumavam cantar com as crianças, principalmente, na hora do recreio quando faziam rodas entoando cantigas como: “Ciranda, cirandinha”, “o cravo e a rosa”, “o galinho” “o peixe” e outras; as crianças costumavam dançar e fazer coreografias conforme a letra e a música cantada na roda. Durante as noites de luar elas e os jovens costumavam sentar-se nas calçadas para contar histórias e anedotas e fazer adivinhações. Ou até mesmo ouvir histórias e mentiras improvisadas por Zé Lopes, que, na versão de Guedes (1999) sabia colocar enredo e incluir capítulos a sua intuição de modo que deixava todos interessados no que estavam ouvindo, ao mesmo tempo que iam aprendendo usar a criatividade para desenvolver habilidades artísticas.

A arte podia não ser visível como tal, mas, já estava presente naquelas pessoas que fabricavam potes de barro, para armazenar a água que caía da chuva em tempos que era

difícil adquiri-la de outra forma. Um exemplo dessa arte era D. Teresa que saía do sítio Alexandre com um pote na cabeça oferecendo nas portas da vila e depois cidade de Arapiraca. Outros usavam a palha para fabricar abanos, que serviam para manter o fogo de lenha aceso, as peneiras usadas nas casas de farinha para peneirar a massa e os chapéus para os trabalhadores protegerem-se do sol. Enquanto isto outros fabricavam brinquedos de barro, madeira ou latas para vender na feira livre e até artistas mais famosos como foi o caso de Hermeto Pascoal que improvisava seus próprios instrumentos para se apresentar nessa feira.

A população arapiraquense costumava aproveitar qualquer oportunidade de aglomeração para criar um momento de diversão. Era assim, “quando as mulheres se juntavam para lavar roupas nas fontes, no açude do governo ou no Riacho da Barreira”, (MACEDO, 2009, p. 55); além de atualizar os assuntos pessoais, elas entoavam diversas cantigas. A mesma coisa acontecia nas casas de farinha quando muitas pessoas iam raspar mandioca; isso foi se repetindo mais tarde nos salões de fumo em que as destaladeiras cantavam alegremente para agradar o fumicultor e tornar suas atividades prazerosas. As tapagens de casas feitas de barro e madeira também eram motivo de lazer; as pessoas se juntavam para pisar o barro e faziam disso uma grande festa; muitos moradores ficavam tristes quando não eram convidadas.

As brincadeiras preferidas nessa época pelas crianças eram: pular corda, contar estórias de trancoso, esconde-esconde, passar a pedra, jogar castanhas, soltar bolhas de sabão, boca de forno, cinturão queimado, quebra pote, cavalo de pau e cabra cega. No entanto, havia aqueles que se reuniam em grupos para realizar mais travessuras como: colocar pimenta nas costas de sapos, correr atrás de vara de foguetes, roubar frutas nos sítios vizinhos, tomar banho no açude; tudo era válido quando Arapiraca não vivenciava ainda a modernidade, comenta Guedes (1999). Mas, aos poucos as oportunidades de desenvolver a cultura foram surgindo.

Foi logo no início do século XX que Esperidião Rodrigues criou a escola de Música União Arapiraquense, despertando na juventude local um sentimento artístico. Mesmo assim, até a década de 30 a cultura em Arapiraca não era cultivada e o lazer acontecia de acordo com a época, o que significa cada data comemorada pelos arapiraquenses. Na festa de Nossa Senhora do Bom Conselho era comum as ruas serem enfeitadas com papéis coloridos; moradores e moradoras se empenhavam na decoração. Diversas barracas cobertas de palhas preenchiavam o “quadro” da cidade. Para cada noite de novena havia um grupo de patrocinadores chamados “noiteiros” que se encarregavam de trazer animação para o povo; cada grupo procurava fazer o melhor. As atrações das noites ficavam na responsabilidade do Zabumba dos Ambrósios que se acomodavam na porta da Igreja. Mais tarde surgiu a bandinha do Dedé, criada por Dedé Vigário que foi motivação para novas bandas comandadas quase todas, por estudantes e até escolas de samba, como a 30 de outubro,

Unidos de Arapiraca e Cebolinha. Os fogos do Sr. Pedro Nunes, clareavam os céus de Arapiraca na festa da padroeira. O carrossel do Sr. Léo, animado por um “oito baixos” corria todas as noites totalmente superlotado, era a animação da criançada.

Passada a festa de Nossa Senhora do Bom Conselho iniciavam os preparativos para o carnaval. O coronel Zé Farias era um dos mais eufóricos carnavalescos nas primeiras décadas do século XX em Arapiraca; criou o bloco “Canaverde”, que tinha como fabricante das fantasias a D. Noca Pereira. A porta bandeira desse bloco foi Rosinha Pereira que exibiu um estandarte trazendo uma cana verde e um pendão. Logo depois, o Mestre Juvino criou o bloco “Bola Preta”; em seguida foram criados outros blocos: o “Lusitano”, organizado por D. Rosinha Pereira e João Vigário; o bloco “Garota Moderna”, sob a liderança de Maria Fausto e os blocos Paladinos e Caçadores.

Ao chegar a Semana Santa, todos participavam das festas religiosas, Missa e Procissões. Na sexta-feira da Paixão, era um dia de Jejum e abstinência em que muitas atividades eram proibidas enquanto outros hábitos eram cultivados, a exemplo da obrigação dos afilhados procurarem seus padrinhos levando um presente para serem abençoados e receberem, é claro, algo de retorno. Muitas pessoas da zona rural perpetuam esse costume. No sábado de Aleluia a meninada saía em grupos para matar um “Judas” fabricado anteriormente. Era uma festança com barulho que compensava o silêncio do dia anterior; tudo isso representava lazer para quem não tinha outras opções.

No mês de junho, iniciando o ciclo junino, era comemorado com queima de fogos, fogueiras, canjica, milho verde e pamonha. Prevalciam, nessa época, os forrós, principalmente nos sítios que circundavam a cidade. Ainda era possível contar com o pagode de Gervásio de Oliveira Lima que era um bom improvisador. As manifestações não acabavam por aí; em outubro os salões de fumo tornavam-se concentrações de mulheres que cantavam alegremente atraindo muita gente. Finalmente chega o Natal com seus folguedos; era nessa época que o comércio aumentava seus lucros; as costureiras ganhavam mais dinheiro. Havia Reisados, Pastoril, Quilombos, Coco de Roda, Folia de Reis e Cavalhadas. Muitas donas de casa faziam Presépios que eram visitados por centenas de pessoas comentam alguns antigos moradores de Arapiraca.

A professora Marieta foi quem ensaiou o primeiro Pastoril de Arapiraca que se apresentou em frente à Igreja de São Sebastião. As adolescentes mais graciosas eram as pastorinhas, com suas roupas rodadas e cheias de brilho. Guedes (1999) relata em sua obra **Arapiraca Através dos Tempos**, que o acompanhamento musical era feito pelos músicos: Virgínio Rodrigues, Né Firmino, João Rodrigues, Chico Leite, Filadélfio Macedo e Antonio Nobre, primeiros adeptos da arte musical nessa cidade. Era uma grande disputa entre o cordão azul e o encarnado. O Pastoril foi um dos folguedos mais apresentados em Arapiraca, ao lado da Folia de Reis, criado por D. Balbina Rodrigues de Melo, esposa de Esperidião

Rodrigues. Este auto narrava a visita dos Três Reis Magos, quando seguiam a estrela a busca do Messias.

O Baile dos Astros apresentado primeiramente por D. Julinha Pereira, era um auto composto de jornadas, cantos e dramatizações reverenciando a natividade em Belém; enquanto o Baile dos Reis Magos assemelhava-se a uma peça teatral. Mas, aos poucos esses folguedos foram desaparecendo permanecendo até o início da década de 60 do século XX, apenas o Pastoril comandado por algumas organizadoras que se destacam na sequência: D. Conceição Lucindo, D. Maria do Juca, D. Maria Fausto, D. Maria Fragoço, D. Antônia Nobre e pelo saudoso Zé de Sá.

No final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta as irmãs franciscanas que se instalaram em Arapiraca em 1956 fundando o Educandário São Francisco de Assis, resolveram organizar pastoris nos finais de ano com a finalidade de angariar recursos para a construção do prédio para o funcionamento do Colégio. A disputa entre os cordões azul e vermelho faziam o povo delirar, principalmente aquelas famílias que tinham filhas representando as pastorinhas; entre uma jornada e outra elas cantavam individualmente e ofereciam a determinados partidários que mandavam cobrir suas vestes de notas de mais alto valor. Percebe-se, portanto, que a cultura arapiraquense tem muito o que se resgatar.

Os circos também alegraram a população arapiraquense, com seus palhaços, acrobacia, mágicas e rumberias. Com a chegada do Professor Pedro Reis em Arapiraca, criando o Instituto São Luís, ele ensaiou algumas peças teatrais, como: Deus e Alá, O Pequeno Volantim, Deus Ihe Pague, o Saltibanco e a Família dos Molhados. As peças eram apresentadas no salão da Empresa Força e Luz e no palco do Cine Leão. Pedro Onofre e José de Sá também ensaiaram diversas peças que foram apresentadas no Cine Trianom. Entre elas: O Martírio de Santa Filomena, Terra Vermelha, Coração Materno e outras. Os alunos do Educandário São Francisco Também apresentaram peças teatrais no Cine Trianom.

Em passos lentos a cultura arapiraquense foi avançando; já em 1967 Ismael Pereira organizou a primeira Exposição Coletiva de Artes Plásticas, com a cooperação do escultor Zezito Guedes, Izabel Torres, José de Sá e outros envolvidos no meio artístico; foram expostos: pinturas, esculturas em madeira e gesso em que os artistas usavam óleo sobre a tela, guache e aquarela. Ismael Pereira não era arapiraquense mais residiu nessa cidade durante muito tempo, constituindo família, participando da política como vereador e depois deputado. Contribuiu com a arte em Arapiraca; expôs trabalhos no México, publicou artigos, caricaturas e charges.

3 EDUCAÇÃO E CULTURA

Percebe-se dessa forma que fatores diversos estimulavam aos arapiraquenses no desenvolvimento da cultura, mesmo sendo em processo muito tímido. A ampliação das escolas foi um desses fatores. A chegada do Grupo Escolar Adriano Jorge com nova estrutura e professores com formação pedagógica para o magistério, que segundo Farias (2012), foi montado para favorecer culturalmente a sociedade arapiraquense, trouxe inovações na forma de conduzir os ensinamentos, incluindo apresentações nos dias de comemorações cívicas. O diretor do Instituto São Luís criado em 1943 incentivou a juventude a ensaiar peças teatrais como já foi assinalado nesse trabalho. O Grêmio Cultural do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho estimulou a juventude na oratória com os júris simulados; o Colégio São Francisco (1956) criado exclusivamente para meninas, sempre promoveu festinhas em que suas alunas apresentavam-se cantando dançando ou recitando poesias e poemas.

A escola Quintela Cavalcante contava com alguns professores vocacionados pela arte, levando seus alunos a descobrirem suas próprias habilidades. Entre eles destacam-se: a professora Aidil Borges, a professora Izabel Torres, D. Maria das Neves, o professor Cícero Feitosa e outros. A partir disso foram surgindo novas escolas estaduais e municipais; no início da década de 70 criou-se a Faculdade de Formação de Professores de Arapiraca - FFPA, passando a ser uma Fundação Estadual de Alagoas - FUNESA e hoje Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, contribuindo com o progresso cultural do município e atingindo regiões vizinhas.

Dessa forma, percebe-se que o tema em questão representa uma reflexão sobre o significado do conceito de revolução e desenvolvimento decorrente da história humana como esclarece Mondaini (2003). Muitos artistas hoje destacados não tiveram necessidade de sair para cidades maiores a fim de complementar seus estudos e desenvolvem sua arte na sua terra natal.

4 DESTACANDO TALENTOS ARAPIRAQUENSES: DOS TEMPOS MAIS REMOTOS À ATUALIDADE.

Ao falar de artistas arapiraquenses não se pode esquecer os nomes de figuras populares que manifestavam seus talentos na feira livre. Destacaram-se nessa categoria, João Vaqueiro, Antônio Salvador e Patativa do Norte que improvisavam versos interessantes. Jovino Cavalcante, “egresso da primeira escola de música de Arapiraca, a Sociedade Musical União Arapiraquense, fundada por Esperidião Rodrigues, em 1808”. (GUEDES, 1999, p.79), destacou-se na cultura popular de Arapiraca e regiões vizinhas. Foi músico, instrumentalista, compositor e maestro, além de ser um hábil seresteiro e amar a poesia. Gervásio de Oliveira de Lima, comandou um famoso pagode por muitos anos, animando a população sem fins lucrativos. Fazia aquilo por prazer.

Pedro Onofre foi poeta, teatrólogo, romancista e cineasta. Chegou do Rio de Janeiro e fixou residência em Arapiraca muito jovem, desenvolvendo sua trajetória estudantil nessa cidade, no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho onde experimentou a oratória através das atividades do Grêmio Rui Barbosa. José Cícero dos Santos, conhecido como José do Rojão, nascido em Taquarana, cresceu em Arapiraca e tornou-se cantor, compositor e forrozeiro. Foi o primeiro radialista em Arapiraca. Nelson Vicente Rosa, era mestre de Coco de Roda e coordenador do grupo de destaladeiras de fumo. Recebeu o título de Patrimônio Vivo de Alagoas. Miguel Vieira foi cantor, sanfoneiro e compositor. Era chamado para animar festas de batizado, casamentos e aniversários. O Sr. Adolfo Bezerra costumava convidá-lo para comemorar a visita de seu filho, José Bezerra que morava no Rio de Janeiro; era um dia e uma noite de forró.

José Amaro Filho, um pernambucano que se fixou em Arapiraca quando se casou com Julieta Meneses filha do Sr. José Felix de Menezes, já trazia sua viola que era seu instrumento de trabalho principal. Cantava nas feiras livres, muitas vezes fazendo dupla com seu cunhado Darci Felix. Costumava fazer toadas nas residências dos fumicultores atraindo grande público. Zé Amaro, que também foi fotógrafo era conhecido pela poesia popular e literatura de cordel. Fez programas na Rádio Cultura – Antena de Publicidade e na Rádio Novo Nordeste; cantou na Rádio Sampaio de Palmeira dos Índios, na Rádio São Francisco de Penedo, na Rádio Liberdade de Sergipe e na Rádio Nacional de São Paulo; começou a fazer versos aos vinte anos, mas, com a ausência de apoio, resolveu fabricar remédios caseiros para ampliar a renda. Sua esposa Julieta e sua filha Elza, também são toadeiras com DVD e CD lançados.

No entanto, essa cultura que se propagava de forma muito lenta, precisava de um ambiente estimulador. Contam alguns boêmios da vida noturna, em conversa informal aos autores desse artigo, que esse ambiente tão importante foi criado em 1973 com a instalação do “Bar do Paulo”. Paulo Lourenço da Silva, conhecido popularmente como Paulo do Bar, é conhecido pelos arapiraquenses como o grande incentivador da cultura nessa localidade, o maior colecionador de discos do agreste; em conversa com seus clientes, ele contou que, quando criança residiu num povoado em Palmeira dos Índios e gostava muito de ouvir músicas de Luís Gonzaga e Augusto Calheiros, influenciado pelo seu pai, Lourenço Luís da Silva que era embolador de coco. Dessa forma, era comum na sua residência ocorrerem reuniões de poetas que organizavam “rodas de coco”.

Contou ainda que nos anos cinquenta decidiu ir para São Paulo onde permaneceu alguns anos; foi lá que ele despertou o gosto pela música, trabalhando em um restaurante. Começou então a fazer economias e conseguiu comprar sua vitrola, que passou a ser a atração de seu bar. Além da vitrola conseguiu fazer uma grande coleção de discos: a coleção completa de Elis Regina, por quem tem grande paixão; discografias completas de João Gilberto e discos raríssimos de Jazz europeus da antiga. Ao voltar de São Paulo instalou-se

em Arapiraca e foi assim que o Bar do Paulo, localizado na esquina da rua D. Jonas com São Luís, nº 357 no bairro Ouro Preto, tornou-se referência para quatro gerações arapiraquenses.

O Bar do Paulo sempre foi um ambiente cultural sendo por isso visitado por artistas famosos a exemplo de Hermeto Pascoal, Alceu Valença, e outros que, tomando uma gelada e comendo uma costela suína muito saborosa, ouviam músicas variadas conforme seu gosto; era MPB, Rock, Jazz, Blues. Tudo isso porque seu proprietário estimulava debates culturais. Sendo assim, seu nome não poderia ficar de fora ao se tratar da cultura dos arapiraquenses. Em 2013, nos quarenta anos do bar, a então Prefeita de Arapiraca, Célia Rocha, através do projeto “DJ do Agreste” prestou-lhe homenagem, cujas honrarias ocorreram no Museu Zezito Guedes.

Não são poucos os artistas arapiraquenses que foram inspirados nas obras de Zezito Guedes que ainda hoje são por ele apoiados. Renan Padilha, artista plástico, decorador, paisagista, colecionador de arte popular, é um artista muito reconhecido em Arapiraca; nasceu em 1950, na cidade de Viçosa, mas, mudou-se logo cedo para Penedo onde se envolveu com atividades do mestre Antônio Pedro, tendo como referência as características da cidade ribeirinha. Estando mais voltado para pintura, passou então, a retratar nos seus trabalhos, a “raiz cultural” ligada ao estilo barroco. Pintou quadros com casarios coloniais, igrejas; retratou procissões e santos como São Francisco.

Aos dezenove anos veio residir em Arapiraca e influenciado pelo escultor Zezito Guedes, percebeu que precisava valer sua criatividade e era hora de investir no seu potencial, prosseguindo assim com seus desenhos e pinturas. Chegou até a participar, pela primeira vez, como participante, de uma exposição de Artes no 4º salão de Artes de Arapiraca. Sempre curioso, queria saber mais sobre Artes e resolveu viajar a alguns estados, indo para o Ceará e depois para Minas Gerais. Foi nessas viagens que Renan se deu conta de que em Alagoas não havia nada representativo como produto surgido do barro.

As peças adquiridas pelo referido artista nas viagens, ganharam coloridos com traços geométricos e outras lembrando a flora alagoana. Em 1975, participou da primeira exposição individual no Instituto Joaquim Nabuco em Recife, e desta vez passou para o circuito dos artistas nordestinos, ganhando suas obras exposição em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em 1979 foi para São Paulo com a finalidade de ampliar seus contatos com a decoração de ambiente e voltou a Arapiraca atuando como decorador; abandonou a carreira de pintor, mas, retornou em 2001, quando a Universidade Federal de Alagoas lhe fez o convite para expor seus trabalhos no Museu Theo Brandão. Reanimado com o sucesso dessa exposição continuou suas pinturas e realizou outra exposição na Universidade Estadual de Alagoas.

Zezito Guedes destacou-se como protético, folclorista, cronista e poeta popular, historiador, no entanto, pode-se perceber que um de seus maiores empenhos, foi como escultor; no prédio onde se localiza sua oficina, encontravam-se diversas obras de arte, quadros e esculturas que hoje se encontram no Museu que leva seu nome. Como historiador,

é capaz de fornecer pistas a todos os interessados em construir conhecimento de fatos relacionados à cultura, política e economia de Arapiraca. Foi professor de Folclore da Fundação Universidade Estadual de Alagoas (FUNESA), a atual Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Não foi à toa que Jean Batista Nardir, ao fazer apresentação da obra: “Arapiraca através dos Tempos”, descreve a figura de Zezito Guedes como “aquele que reinventou os métodos da História, unindo diversas ciências para, junto à memória do povo, trazer a tona fatos passados”. As obras escritas por Zezito Guedes representam um grande legado para as novas gerações arapiraquenses, pois ninguém será capaz de relatar os fatos de forma tão clara e precisa como esse historiador.

José do Carmo de Sá, Chegou em Arapiraca em 1940 com seus familiares, quando seu pai decidiu instalar-se nessa cidade como barbeiro. Zé de Sá tinha um timbre de voz que chamava a atenção quando este fazia a apresentação de pastoris, por isso era convidado a atuar em diversas emissoras de rádio. Foi operador de projeção do Cine Leão, coordenou programas de calouros, participou da emissora oficial do Estado, tornou-se proprietário da Rádio Tupan em Arapiraca, foi diretor da Emissora Cultura, foi diretor Artístico da Antena Publicidade e foi Diretor de Cultura na Prefeitura de Arapiraca.

No entanto, não era apenas essa a habilidade de Zé de Sá. Destacou-se com suas obras de arte e em 1975 organizou uma exposição de quadros e paisagens na Câmara de vereadores, foi a Exposição Coletiva de Artes Plásticas. Ainda era hábil em organizar peças teatrais e por essa razão foi convidado para construir o cenário para apresentação do espetáculo da Paixão de Cristo no morro Massaranduba. Contou com o apoio de alguns amigos: o professor Cícero Feitosa (In Memoriam) escreveu o texto; Felipe Borges e Maria Elísia Borges, cuidaram do figurino e a ex-vereadora Maria Aparecida (In Memoriam) foi responsável pelo figurino. Porém, após quatro anos de empenho o projeto foi entregue a uma equipe da capital que substituiu algumas cenas e para decepção do artista Zé de Sá, acabava-se um de seus sonhos.

A arte vai mais além entre os arapiraquenses; destacam-se aqueles que amam a poesia. Aloísio Gomes foi um deles. Arapiraquense, filho do Sr. Júlio Gomes e D. Antônia Barbosa Duarte, constituía uma família de quatorze irmãos sendo ele o décimo primeiro. Dedicou-se aos estudos, primeiramente no grupo Escolar Hugo Camelo Lima onde começou a manifestar seus dotes intelectuais; em 1968 prestou o exame de admissão na Escola José Quintela Cavalcante para ingressar no Curso Ginásial, como era praxe naquela época, auge da ditadura militar, com o General Garrastazu Médici no poder. Com suas capacidades intelectuais continuava se destacando nos estudos e principalmente como orador do Grêmio Estudantil daquela Instituição.

Impedidos pelo regime em vigor de participar de discussões políticas, os jovens dedicavam-se apenas a paqueras, danças nas festinhas em casa de colegas, o que chamavam de “assaltos” ou “assustados”, ir ao cinema ou assistir uma partida de futebol.

Mesmo no lazer, Aloísio não escondia o trauma que carregava desde a infância, quando sofreu algumas queimaduras durante uma brincadeira de criança, deixando-lhe pequenas cicatrizes. Isso está explícito em seu Poema: “Canto da Imperfeição”. “Gosto da noite. Ela esconde as minhas cicatrizes: as cicatrizes do corpo; as cicatrizes da alma” (GOMES, 2005, p. 14).

Aloísio era apaixonado pelas poesias de Carlos Drummond de Andrade, sendo capaz de recitá-las na íntegra. Além de versos e poesias, dominava temas que envolviam Artes em geral, política e Religião. Aos vinte e um anos foi residir na cidade do Recife, para enfrentar o curso de Sociologia na Universidade Federal de Pernambuco. Conta o professor Ronaldo Nobre Leão no Posfácio da obra poética de Aloísio Gomes: **Eternidade: as palavras não morrem quando a boca fecha**, através da qual a vida de Aloísio tomou outros rumos.

Comenta o sábio professor, que seu amigo Aloísio demonstrava em suas comunicações ter medo do “novo”, do “desconhecido”. No entanto, nada o fez desistir de seus sonhos; enfrentou todos os desafios e logo passou a amar verdadeiramente ao cotidiano da vida em cidade grande. Fez novos amigos e passou a frequentar bons botecos na cidade do Recife, onde ouviam-se boas músicas, principalmente os sucessos da época: Chico Buarque, Caetano Veloso, Bethânia e outros.

Em 1981, com o Curso de Sociologia concluído submeteu-se ao concurso público para professor auxiliar na universidade Federal de Alagoas, assumindo assim as disciplinas de Ciências Políticas e Estudo de Problemas Brasileiros, destacando-se na sua qualidade de leitor voraz, o que o tornava cada vez mais possuidor de uma cultura geral. Estudava frequentemente as obras dos mais importantes poetas: Drummond, Fernando Pessoa, Cecília Meirelles, Manuel Bandeira e outros. Não era só isso; falava e escrevia corretamente francês e inglês. Era capaz de discutir temas do pensamento moderno ocidental com convicção, mas, nada superava o lugar que a poesia ocupava no leque de seus interesses.

No final da década 1990, Aloísio, motivado por uma depressão, foi desprezando seus hábitos de leitura, chegando a ser hospitalizado, mas, ainda voltou as suas atividades normais. Em seguida começou a apresentar problemas cardíacos muito sérios que o levaram à morte, aos trinta e sete anos, deixando uma grande lacuna em toda a obra literária. Muitos outros artistas destacam-se na região.

Percebe-se que a cultura chegou ao município de Arapiraca de forma lenta, mas com grande empenho dos artistas que usavam a sua criatividade sem pensar em fins lucrativos. Entre o período inicial de sua povoação e instalação de vila, a maior rentabilidade econômica de Arapiraca era advinda da mandioca como declaram Oliveira e Oliveira (2018). No entanto, com o crescimento econômico e populacional os artistas passaram a usufruir de uma estrutura mais adequada para realizarem suas manifestações. Para os profissionais da educação há o Clube dos Professores com piscinas, para crianças e adultos, campo de futebol, salão de festas, salão de jogos, espaço aberto para músicas ao vivo, chuveirão, banheiros, Secretaria

e Diretoria. O Clube dos Fumicultores, o mais antigo da cidade continua como espaço de lazer em que as festas juninas e carnavalescas são as mais atuantes.

5 ESPAÇOS VISITADOS PELOS TURISTAS E ESTUDANTES: AMBIENTES QUE PODEM SER USADOS PELOS ARTISTAS PARA APRESENTAREM SEUS TALENTOS.

A Casa da Cultura é um espaço bem equipado, localizado na Praça Luís Pereira Lima, foi construído em 1998, na gestão de Célia Rocha; em 2014 ganhou uma reforma significativa; criou-se um espaço Multimídia, homenageando Paulo Lourenço da Silva, conhecido como Paulo do Bar, que se destaca na cultura arapiraquense. A Biblioteca possui pisos táteis e aderentes, facilitando o acesso de todos de forma segura. Contém no seu acervo, diversos livros em braile; além do acervo da Biblioteca Municipal, abriga as obras de artistas que vão constantemente surgindo na região. Recebe alunos da rede estadual e municipal. Seu teatro abriga aproximadamente cem pessoas sendo usado para encontros diversos. A tenda que fica em frente à Casa da Cultura tem diversas utilidades: pode servir para apresentações e exposições; na segunda feira os forrozeiros fazem uma grande festa.

O Ginásio João Paulo II foi inaugurado em 2011 na gestão de Luciano Barbosa; tem a capacidade para 3.500 alunos aproximadamente. Dispõe de quadra poliesportiva, Secretaria de Esporte, Camarim, palco para apresentação cultural, ambulatórios, cabine para rádios e TV, praça de alimentação, vestuário e banheiros. Possui área de jardinagem, e estacionamento além de rampas para que os deficientes tenham acesso ao ambiente.

O Planetário também possui auditório com capacidade para 250 pessoas e foi inaugurado em 2012. Possui ampla rede de bibliotecas digitais chamadas de “arapiraquinhas”, distribuídas pelas praças da cidade ampliando a dinâmica de incentivo à cultura da população arapiraquense. O Mercado de Artesanato Margarida Gonçalves serve como espaço para exposição e comercialização de produtos artesanais criados por profissionais da terra. A tenda cultural localizada em frente à Casa da Cultura, é usada para apresentações como exposições de trabalhos e realização de eventos.

O Museu Zezito Guedes construído em homenagem ao historiador e artista plástico, tem como prioridade difundir e preservar a história de Arapiraca. Lá são encontrados objetos antigos que trazem à tona os acontecimentos mais remotos da cidade. O Parque Ceci Cunha é onde se encontra o Ginásio João Paulo II; lá são realizados grandes eventos como festas carnavalesca, festas juninas, desfiles cívicos e outros capazes de aglomerar grande número de pessoas. O Vale dos Bosques também é muito visitado, principalmente, por aqueles que pretendem continuar em forma fazendo exercícios e caminhadas. A Lagoa da Perucaba onde se localiza o Planetário também é ponto de destaque.

O Memorial da Mulher que foi inaugurado em 2008 com a finalidade de preservar o acervo cultural, enaltecendo e valorizando as mulheres, principalmente aquelas que

contribuíram com a ascensão dos arapiraquenses, destacando-se não só na política, como também nos aspectos culturais e educacionais. Suas atividades estão voltadas para a população em geral, especificamente a estudantes e pesquisadores.

6 COMUNICAÇÃO EM ARAPIRACA A SERVIÇO DA CULTURA

Em 1944 o Sr. João Ribeiro Lima foi nomeado pela Ditadura como Prefeito de Arapiraca e acatou um Projeto que consistia na montagem de amplificadores, de modo que em 1946 já havia nessa cidade o serviço de auto-falantes como atração para os arapiraquenses. Logo cedo a locutora oficial da prefeitura anunciava o Programa; “A Voz do Povo”, divulgando a programação que consistia geralmente, em Projetos e Serviços Sociais de utilidade pública ou até mesmo programas de calouros que começaram a existir. Esses serviços já foram suficientes para que os jovens passassem a manifestar seus talentos.

Na gestão de Luís Pereira Lima (1948 – 1951), este mandou colocar projetores de som nos postes; um no final da Praça Manoel André e outro na praça Gabino Besouro atual Praça Marques da Silva. Ao mesmo tempo foi construído na esquina da Rua Anibal Lima com a praça Marque da Silva, um Estúdio onde funcionou o serviço de auto-falante da Prefeitura de Arapiraca, cujo locutor oficial foi Miguel Valeriano. Em 1951 Coaracy da Mata Fonseca que assumiu a Prefeitura convidou Ivan Rodrigues para assumir o cargo de locutor enquanto Zé de Sá apresentava o Angelus todos os dias às 18 horas e Miguel Valeriano assumiu o cargo geral da Prefeitura.

Com a inauguração do Cine Trianon na Praça Marques da Silva, foram instaladas duas cornetas cujo serviço de auto-falantes serviam para anunciar a exibição dos filmes na voz deslumbrante de Zé de Sá. Logo instalou-se o estúdio de serviço de auto-falante Tupan na residência do então locutor que contou com a cooperação do Sr. Nelson Rodrigues, o qual emprestou diversos discos o que contribuiu com um bom repertório de músicas, inaugurando assim a época do rádio funcionando como um transmissor com potência capaz de alcançar receptores do centro e dos bairros da cidade. Em 1954 o serviço de auto-falantes foi mudado para Rádio Tupan de Arapiraca cujas programações incluíam as crônicas do Sr. Eusébio, da professora Marinete Pereira e de Pedro Cavalcante.

Mais tarde surgiu a Rádio Cultura quando o então Deputado Claudenor Lima comprou os equipamentos da Rádio Tupan; José de Sá foi o Diretor geral da Rádio Cultura que funcionava na fazenda pernambucana, atual Bairro São Luis. Com o encerramento das atividades dessa Rádio começaram a surgir as Rádios Clandestinas: Rádio Cruzeiro de Arapiraca, Rádio Duque de Caxias, Rádio Igreja Batista de Arapiraca, Rádio Assembleia de Deus, Rádio Holanda Musical e outras.

Na administração de Francisco Pereira Lima (1961 – 1966) surgiu a Antena Publicidade também clandestina, instalada pela Prefeitura no mesmo prédio. Seu Diretor foi o

representante da Gazeta de Alagoas em Arapiraca, o Sr. José Rocha. Na gestão do Sr. João Lúcio da Silva o estúdio foi transferido para o anexo da Câmara Municipal com instalações modernas. Foi montada uma dinâmica equipe: Cícero Lúcio-Diretor administrativo; Manuel Lúcio Sobrinho diretor geral; José de Sá, diretor artístico. Como locutores: José de Sá, José Benedito, João Rocha, Jurandir Vieira, Albenzio Perrone, Sebastião Cândido, Mirian Ferreira e Zé do Rojão. Controlistas: Humberto, Maurício Fernandes, José Reginaldo e George Sá. Cronista: Abel Magalhães e Discotecário- Everaldo Maia. Em 1967 a Rádio foi retirada do ar.

A Rádio Novo Nordeste, AM, foi criada em 1976; trinta empresários arapiraquenses se reuniram e fundaram a primeira Rádio Oficial de Arapiraca que passou a operar com uma potência de 1.000 *wats* e logo obteve licença para operar com 5.000 *wats*. Aurelino Ferreira tornou-se o sócio majoritário assumindo o controle da Emissora. No mesmo ano a empresa ganhou novos equipamentos mais modernos podendo assim atuar com um som mais potente. Contando com uma equipe de profissionais qualificados e com uma programação que varia entre esportes, música e jornalismo, atinge receptores em Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia, priorizando principalmente a valorização da cultura e a promoção da cidadania. Seu principal objetivo sempre foi contribuir com o progresso econômico, político e cultural da população nordestina.

7 A RELIGIOSIDADE DOS ARAPIRAQUENSES: UMA CULTURA DOMINANTE

A Religiosidade da população arapiraquense originou-se em tempos remotos; Manuel André, considerado pela tradição, como primeiro explorador das terras que constituem atualmente o município de Arapiraca, trazia consigo valores morais e religiosos obtidos no convívio de seu sogro, Amaro da Silva Valente que conservava os costumes do pai de sua esposa, João da Rocha Pires, o qual construiu, no sítio Santa Cruz uma capela em homenagem a Nossa Senhora a quem todos os seus descendentes deveriam prestar homenagem celebrando a sua festa. Casamentos e batizados eram celebrados lá e os mortos da família Pires eram enterrados nessa capela onde algumas vezes o padre celebrava a Santa Missa. Portanto, quando Manuel André e D. Maria Izabel da Silva Valente chegaram, conservaram suas práticas religiosas cultuando as imagens de madeira que trouxeram consigo, expandindo aos que iam a eles se juntando, o testemunho de fé, como explica (MACEDO, 2009).

Dessa forma, percebe-se que o papel da Igreja na formação da sociedade arapiraquense foi muito grande, tanto na orientação as famílias como na programação do processo de escolarização. As professoras que alfabetizavam eram as mesmas que preparavam os alunos para fazerem a primeira Eucaristia como era o caso de D. Antônia e D. Chiquinha Macedo que recebiam orientações de seu irmão Francisco Macedo, pároco de Limoeiro de Anadia.

Era comum as famílias tradicionais terem bom relacionamento com os padres que celebravam missa nas Igrejas da cidade, como também serem por eles aconselhados. Assim pode-se dizer que a formação da sociedade arapiraquense ocorreu dentro de ética paternalista cristã. Muitas famílias encaminhavam suas filhas para a irmandade franciscana para serem freiras e os filhos para o Seminário a fim de serem padres. A primeira Igreja construída foi a de Nossa Senhora do Bom Conselho; em seguida a de São Sebastião e assim foram surgindo outras capelas e depois algumas paróquias que vão se multiplicando.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa investigação que trata de cultura e saber, resgatando valores e raízes de Arapiraca, mostra que ainda há muita coisa a ser socializada sobre o processo cultural da sociedade arapiraquense. É possível perceber que a trajetória desse processo acompanha os movimentos da história política, econômica e social do município. Faz-se necessário dar continuidade ao apoio que está ocorrendo na gestão da Secretária Rosângela. Graças ao seu dinamismo hoje é possível se encontrar novos artistas que há pouco tempo eram desconhecidos pela maioria da sociedade e porque não dizer até invisíveis. A falta de apoio tem feito alguns artistas buscar outras atividades, é o caso de José Amaro que passou a fabricar remédios caseiros, para complementar a renda.

9 REFERÊNCIAS

ARAPIRACA. **Arapiraca até hoje**. Santa Rita, 2001.

_____. **Raízes e Frutos de Arapiraca**. Maceió. Editora Gazeta de Alagoas, 1992.

BOSSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**. 4.ed. São Paulo: Ática. 2000.

FARIAS, Maria Aparecida de. **O Romper do Silêncio; a trajetória da educação escola rem Arapiraca Al, de seu povoamento a década de 1950**. Maceió. EDUFAL. 2012.

GUEDES, Zezito. **Arapiraca Através dos Tempos**. Maceió: Gráfica Mastergraphy Ltda. 1999.

LOZANO, Jorge. E. Aceves. In. AMADO, Janaína EFERREIRA, Marieta de Moraes. Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2002.

MACEDO, Valdemar de Oliveira, OLIVEIRA de Macedo, **Nossa Terra e Nossa História SI**, 1997.

MONDAINI, Marco. **O Respeito aos Direitos Individuais**. In: PINSK Jaime e PINSK Carla Bassanezé (Org.). São Paulo. Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Moisés Calú de; OLIVEIRA, Adelmiram Silva de. (Org.). **Arapiraca Resumo Antropogeográfico-1970-2000**.2. ed. Arapiraca: Eduneal,2018.